

SACRAMENTO DA ORDEM

Dom Volodemer Koubetch, OSBM

A presente matéria oferece algumas reflexões sobre o sacramento da Ordem. Inicia com a apresentação desse sacramento que tem três graus. Prossegue refletindo sobre cada um desses três graus: diaconado, presbiterado e episcopado.

1. SACRAMENTO COM TRÊS GRAUS

O sacramento da Ordem é um dos sete sacramentos canônicos, ou seja, reconhecidos e vividos pela Igreja. É o sacramento pelo qual se confere a um homem o ministério sacerdotal ordenado o qual recebe um “caráter” especial e o torna participante do sacerdócio ministerial de Cristo no ensinamento, no governo da Igreja e na celebração do culto divino. É o único sacramento que tem três graus: episcopado, que é o original do qual participam os outros dois: presbiterado e diaconado.

Ordenação é o rito litúrgico, público e solene, pelo qual se confere o sacramento da Ordem. Em cada um dos graus, o rito de ordenação coloca em evidência que o candidato foi especialmente chamado e escolhido; faz-se a invocação ao Espírito Santo para os exercícios efetivos do novo ministério; e, entre várias outras orações, acontece a imposição de mãos da parte do bispo ordenante.

Tanto os católicos como os anglicanos e os ortodoxos consideram a Ordem de instituição divina, que torna os ordenados representantes de Cristo em certos ministérios os quais não podem ser cumpridos por não ordenados.¹

2. DIACONADO

Reflete-se aqui sobre o ministério do diaconado, mais amplamente compreendido, refere-se brevemente alguns dados históricos e a prática atual, e se faz uma reflexão sobre a vivência eclesial do diaconato.

2.1. Ministério

A palavra *diácono* equivale ao grego *diakonos* e significa servo, servidor, ajudante; o verbo *diakonein* significa servir. A diaconia ou diaconado é, então, um serviço de assistência. Lembre-se que a palavra *liturgia* até hoje, na Grécia, significa serviço público. O diácono, evidentemente, está destinado, antes de tudo, ao serviço litúrgico da Igreja. É um ministério.

Embora todos os ministérios sejam serviços, o do diácono o é como que por antonomásia dentro dos ministérios conferidos mediante o sacramento da Ordem: episcopado, presbiterado e diaconado. O diaconado é requisito prévio para chegar ao presbiterado. Mas tem sua razão de ser também em si mesmo, pois na Antiguidade foi normal a existência de diáconos que permaneciam tais toda sua vida. Hoje, depois do Concílio Vaticano, desenvolveu-se o diaconado permanente.²

A vivência do diaconado vai além de sua finalidade sacramental, pois se torna a vivência de um ministério mais abrangente ou de uma diaconia, que concerne não somente aos ministros ordenados, mas a todos os cristãos. Na verdade, ministério e diaconia são conceitos equivalentes.

Diaconia, serviço, é um termo usado no Novo Testamento para indicar que o ministério e a missão da Igreja são para o serviço da comunidade (At 1,17.25; 21,9; Rm 11,13; 1Tm 1,12. O Concílio Vaticano II descreve deste modo o ofício dos bispos.³

¹ Cf. os referentes verbetes, in: O'COLLINS, Gerald – FARRUGIA, Edward G. *Dizionario sintetico di Teologia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995; PEDRO, Aquilino. *Dicionário de termos religiosos e afins*. Aparecida: Santuário, 1993.

² Cf. PEDRO, *Dicionário de termos*, 79.

³ Cf. LG 24.

Ministério, do latim *minister*, servo. Função confiada a alguns membros na Igreja para atender às diversas necessidades pastorais. Há ministérios ordenados, que são os recebidos pelo sacramento da Ordem (bispo, presbítero, diácono) e ministérios não ordenados, ou instituídos e conferidos numa celebração litúrgica, como o acolitado e o leitorado, ou confiados sem essa formalidade, como podem ser o catequista ou outros que a autoridade eclesial de uma região estabelecer.⁴

2.2. Diaconado na história da Igreja

Na Igreja primitiva, o diácono era o ministro instituído pelos Apóstolos para se encarregar das tarefas materiais da comunidade (At 6,1-6).

Nos primeiros séculos da história da Igreja, o ministério dos diáconos foi muito florescente. O diácono foi o ministro que recebeu o poder de anunciar o Evangelho, de batizar, de assistir ao padre no altar, de levar a Sagrada Comunhão, de testemunhar a caridade da Igreja junto aos pobres.

Em Roma, a diaconia era uma instituição de beneficência presidida por um diácono. A diaconia era também um serviço para a assistência dos pobres nos mosteiros.

Nas Igrejas protestantes, o diácono é o fiel que ajuda o pastor nas obras de beneficência.

Com o passar do tempo, a importância do diaconado foi sempre mais diminuindo até que se tornou um estado intermediário antes do presbiterado.

2.3. Prática atual

Na atualidade, o diaconado é um serviço como todos os ministérios existentes na Igreja. Mas é um ministério situado dentro dos ministérios conferidos mediante o sacramento da Ordem: episcopado, presbiterado e diaconado. Como já foi anotado acima, o diaconado é requisito prévio para chegar ao presbiterado e ao episcopado, mas tem sua razão de ser em si mesmo, existindo nas comunidades diáconos estáveis, segundo o testemunho da Antiguidade cristã. O Concílio Vaticano II afirmou a possibilidade de reconstituir o diaconado permanente. Esta decisão começou a ser atuada em 1967, podendo o sacramento ser conferido a homens celibatários ou casados.⁵

Além das tarefas administrativas e pastorais o diácono pode, quando autorizados, batizar, pregar, distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o Matrimônio (na Igreja latina), dirigir exéquias.⁶

2.4. Vivência eclesial do serviço

O diaconado é um seguimento diaconal: seguir a Cristo, servo dos servos, prestando um serviço à comunidade, na Igreja. Percebe-se isso muito claramente nos textos bíblicos: Mt 20,20-28 Jo 13,1-20 At 1,17.25; 6,1-7; 21.9 Rm 11.13 1Tm 3,8-13. Em Lc 9,23-26 estão evidenciadas as condições para seguir Jesus: renúncia; aceitação da cruz, entrega total; compromisso com Jesus.

São Lourenço, espanhol, natural de Huesca, foi um diácono de bom humor. Ele é um belo exemplo de dedicação diaconal, sendo um dos sete diáconos da Igreja Roma, o primeiro dos diáconos que assistiam o papa nas celebrações. Ele foi um dos santos mais venerados da Antiguidade e da Idade Média. A basílica de Roma em seu louvor é a terceira em importância, depois das basílicas consagradas a São Pedro e São Paulo. Sua vida foi muito cantada por poetas como Prudêncio e Dante na Divina Comédia, tratando-o como um grande herói. Também foram criadas obras-primas na arte da pintura.

O motivo de sua popularidade foi por ele cultivar o ideal do martírio e ter muita coragem e bom humor no momento de sua execução. Na metade do século III, o imperador Valeriano mandou confiscar os lugares de culto dos cristãos, as igrejas, os cemitérios, e mandou para o exílio ou para a morte seus dirigentes. Em 257, ele mandou assassinar todos os bispos, padres e diáconos.

⁴ Cf. PEDRO, *Dicionário de termos*, 199.

⁵ Cf. LG 29.

⁶ Cf. O'COLLINS – FARRUGIA, *Dizionario sintético*, 105-106.

Em 258, foram assassinados o Papa Sisto II e o diácono Lourenço, no dia 10 de agosto, martirizado na perseguição implacável do imperador Valeriano. O Papa estava sendo conduzido para a morte e foi decapitado. Conta a história que, ao caminhar para o lugar da execução, São Lourenço estava triste por não poder morrer com o papa, caminhava junto dele e dizia: “Aonde vai sem seu diácono, meu pai? Jamais oferecetes o sacrifício da missa, sem que eu vos acolitasse!” O papa, comovido com essas palavras de dedicação filial, respondeu: “Não estou te abandonando, meu filho! Deus reservou-te provação maior e vitória mais brilhante, pois és jovem e forte. Velhice e fraqueza faz com que tenham pena de mim. Em três dias você me seguirá”.

Lourenço, como primeiro entre os diáconos, era responsável pela distribuição dos bens da Igreja que sustentava os necessitados. Atento a solicitação do papa, procurou todos os pobres, viúvas e órfãos da Igreja e entre eles repartiu o dinheiro que havia. Objetos de outro, prata, como pedras preciosas, vasos sagrados de grande valor, tudo foi vendido e com o dinheiro sustentou os milhares de pobres da Igreja.

O prefeito de Roma começou a suspeitar sobre a riqueza administrada por Lourenço. Mandou chamá-lo em sua presença e disse-lhe: “Nada de ti exijo, que não seja possível realizar. Soube que vossos sacerdotes se servem em vasos de ouro e prata em vossas celebrações e que usais velas de cera, colocadas em castiçais de ouro. Soube, também, que vossa Igreja ordena dar a Cesar o que é de Cesar; trazei-me, pois, todos estes objetos, de que o imperador precisa”. “É verdade, – replicou Lourenço, – a Igreja é rica, mais rica que o Imperador. Concedei-me o prazo necessário, e tudo será arranjado em tempo”. O prefeito, supondo tratar-se de riquezas materiais, deu-lhe de boa vontade o prazo de três dias. Correndo contra o tempo, o santo diácono foi ao encontro de todos os pobres, viúvas, órfãos, cegos, surdos, mudos, paralíticos, peregrinos e desamparados, para que no terceiro dia estivessem todos à porta da Igreja.

Vendo-se enganado e iludido, cheio de ódio, o prefeito reagiu violentamente: “se teu desejo é morrer, pois bem, há de morrer, mas de morte longa e cruel”. Deu ordem para que Lourenço fosse cruelmente açoitado. Finalmente mandou que trouxessem uma grelha, que foi posta sobre brasas. O mártir foi despido e colocado sobre a grelha incandescente. Encarou o cruel martírio com muito humor e altivez espiritual. O semblante ardia-lhe de fogo divino. Depois de um lado do corpo estar queimado, com um sorriso nos lábios, disse ao juiz: “Se quiserdes, podereis me virar, visto que deste lado já estou assado”. Orou pela conversão de Roma.

No dia do martírio, aconteceu a conversão de alguns senadores, que presenciaram sua morte e levaram seu corpo nas costas.⁷

O Motu próprio *Ad pascendum* define o diaconado da seguinte maneira: “*Animador do serviço, ou seja, da diaconia da Igreja, nas comunidades cristãs locais, sinal e sacramento do próprio Cristo Senhor, que não veio para ser servido, mas para servir*”.

Hoje em dia, a fim de se dar maior dinamismo para a Igreja e a vida cristã, precisa recuperar o significado original da diaconia, o que se encontra sobejamente na própria pessoa de Jesus Cristo e no exemplo das primeiras comunidades cristãs, como aquela de Jerusalém.

A diaconia é um aspecto fundamental da figura de Cristo, que se apresentou como “*aquele que serve*” (Lc 22,27) e que “*não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*” (Mt 20,28). Antes de deixar este mundo, Jesus realizou o gesto sacramental e profético do lava-pés para convidar seus discípulos a seguirem seu exemplo de serviço (Jo 13,1-15). Por isso, a Igreja antiga considerava a diaconia como aspecto fundamental de sua natureza profunda e, portanto, da vocação de toda comunidade e de todo fiel.

A Igreja, que Santo Inácio de Antioquia definia como a *ágape*, o amor – isto é, o sinal visível do amor de Deus encarnado em Cristo presente na Eucaristia –, tinha plena consciência de que o serviço é a expressão concreta do amor segundo as palavras de São Paulo: “*Pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros*” (Gl 5,13).⁸

⁷ Cf. CONTI, Servílio. *O santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 8ª ed., 2001, 344-345; <http://marcioreiser.blogspot.com.br/2009/08/sao-lourenco.html>

⁸ Cf. ALTANA, A. *Diácono*. In: DE FIORES, Stefano – GOFFI, Tullo (Organizadores). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas – Paulistas, 1989, 279.

Como exemplo clássico de serviço evangélico temos a ação de São Basílio, o qual construiu a “Basilíade”, um conjunto de construções ao redor de uma igreja para atender a diversos tipos de necessidades da população, geralmente pobre e carente. Aí existia uma escola, um hospital, uma hospedaria para os peregrinos e viajantes, uma marcenaria e outras repartições para a educação e formação dos jovens.

Em São Basílio Magno, “os três conceitos de *diakonia*, caridade e filantropia se fundem, produzindo o que provavelmente seja o exemplo de servidão que mais se aproxima de Cristo na história da Igreja. Como bispo, Basílio usou o poder da Igreja a favor dos que não tinham poder e serviu os necessitados com posses eclesiásticas. Ele beneficiou-se da estrutura da Igreja visando ajudar os pobres, e também enfatizava uma Igreja **para** os pobres. Como indivíduo deu um passo além, e não somente viveu para os pobres, mas também **com** os pobres e, finalmente, **como** um dos pobres”.⁹

O Papa João Paulo II, na conclusão de sua Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* sobre o bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo, fala sobre a “Basilíade” de Basílio, que era uma vasta estrutura de acolhimento para os necessitados, como “uma verdadeira cidadela da caridade” e pede aos Bispos do terceiro milênio que façam o mesmo; e reforça seu argumento: “daí transparece claramente que ‘a caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras’”.¹⁰

Pratique-se, portanto, o serviço, a diaconia, porque ela liberta, ela salva, ela ajuda a criar um mundo melhor, uma sociedade mais justa e mais fraterna, ela nos aproxima do amor de Deus, realiza o Reino de Deus.

3. PRESBITERADO

Depois de definir e distinguir os dois conceitos inerentes ao sacramento da Ordem – sacerdócio e presbiterado – esta seção trata o sacerdócio como uma consagração, um sacrifício e uma vida no Espírito, terminando com uma breve reflexão sobre a semelhança entre o presbítero e Maria Santíssima.

3.1. Sacerdócio e presbiterado

Num primeiro olhar, os dois conceitos se completam e parecem similares, mas apesar da semelhança, são distintos.

Sacerdócio é capacidade que alguém tem de chegar a Deus para oferecer sacrifícios e para atuar como mediador em favor de outros. Só o homem Jesus Cristo, por sua união com a divindade, possui essa capacidade por seu próprio ser. Todos os demais sacerdócios procedem do de Cristo. O sacerdócio cristão é uma configuração, assimilação ou assemelhação com Cristo que confere a capacidade de chegar a Deus para oferecer sacrifícios e para ser mediador, ou seja, interceder pelos outros. Por esse processo, o cristão se torna parecido, semelhante a Cristo.

Há duas classes: 1ª – O sacerdócio comum ou régio, próprio de todo batizado, que afeta diretamente o ser da pessoa, a qual fica configurada com Cristo em ordem à dupla finalidade apresentada. Não tem sentido nem eficácia naquele que é inimigo de Deus. 2ª – O sacerdócio ministerial ou hierárquico, que se recebe pelo sacramento da Ordem, afeta a pessoa em ordem a uma função ou ministério em favor da comunidade eclesial. O ministro se torna apenas o instrumento pelo qual Cristo age. Por isso, o sacramento ministrado por um ministro indigno, em pecado, é válido.

Sacerdote é a pessoa que, por sua configuração com Cristo, possui o sacerdócio. Sendo que tanto quem possui o sacerdócio comum recebido no Batismo como quem possui o sacerdócio ministerial recebido pelo sacramento da Ordem, são sacerdotes, esta palavra não é adequada para

⁹ SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. *A “leitourgia” libertadora de Basílio Magno*. São Paulo: Paulus, 1995, 99.

¹⁰ JOÃO PAULO II. *Novo millenio ineunte* (6 de janeiro de 2001), n. 50; AAS 93 (2001), 303. In: JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003) n. 73.

designar os ministros da Igreja, aos quais normalmente se lhe aplica. Melhor será chamar a estes de presbíteros.¹¹

Presbítero, do grego, *presbíteros*, ancião. No uso corrente é sinônimo de sacerdote, termo que, como já dito acima, é menos adequado, porque não distingue o presbítero do bispo e, sobretudo, porque sacerdote é também todo batizado, que possui o sacerdócio régio. Reservar o termo sacerdote ao presbítero faz esquecer o sacerdócio dos fiéis, o que induz à passividade.¹²

3.2. Presbiterado – uma consagração

O presbítero – também o bispo, o diácono – é consagrado e encarregado de maneira particular para continuar a obra de Cristo. Toda a vida do sacerdote deve precisamente ser consagrada à glorificação do Pai através de Cristo e com Cristo, na Igreja. Diz o Concílio Vaticano II: *“O fim que visam os Presbíteros, por seu ministério e vida, é ocupar-se da glória de Deus Pai em Cristo. Consiste esta glória em aceitarem os homens a obra de Deus, levada à perfeição por Cristo, de maneira consciente, livre e grata, levando-a a irradiar-se em toda a sua vida. Assim os Presbíteros, ao se dedicarem à oração e à adoração, ao pregarem a palavra, ao oferecerem o Sacrifício Eucarístico e administrarem os demais Sacramentos, ao exercerem os diversos ministérios em favor dos homens, contribuem de um lado para aumentar a glória de Deus e por outro para levar os homens a se adiantarem na vida divina. Todas essas realidades promanam da Páscoa de Cristo e hão de consumir-se no glorioso advento do mesmo Senhor, quando Ele entregar o Reino a Seu Deus e Pai”*.¹³

Deus é tanto mais glorificado através da ordenação sacerdotal e existência do sacerdócio neotestamentário, quanto mais conscientemente o sacerdote recebe a ordenação e quanto mais zelosamente se esforça em desenvolver a tarefa a ele confiada. Toda vez que celebra dignamente os sacramentos, oferece a Deus o louvor da Igreja e seu pessoal. Segundo o Concílio, *“os louvores e as ações de graças que elevam na celebração da Eucaristia, os mesmos Presbíteros os ampliam nas diversas horas do dia, ao persolverem o Divino Ofício, pelo qual suplicam a Deus em nome da Igreja, em favor de todo o povo a si confiado e até pelo mundo inteiro”*.¹⁴

Aquilo que o Concílio expressou como convicção da fé da Igreja a propósito do sentido e finalidade da consagração sacerdotal contrasta com certas deformações da existência sacerdotal que gostariam de fazer do sacerdote em primeiro lugar um assistente social ou até mesmo um porta-bandeira da revolução social. Certo, o Concílio recorda com força ao sacerdote o dever de levar em consideração as diversas necessidades dos homens e exatamente para ele vale a admoestação de que a celebração eucarística é *“sincera e plena”* somente quando constitui-se *“em canal para as múltiplas obras de caridade e auxílio mútuo, para a ação missionária, como ainda para as várias formas de testemunho cristão”*,¹⁵ mas estas suas tarefas não são as únicas e, além disso, devem sempre ser desenvolvidas no âmbito mais vasto da glorificação de Deus e da revelação de seu nome, dentro do grande contexto da história da salvação e desta perpetuada pela Igreja.

3.3. Presbiterado – um sacrifício

O sentido original do sacrifício significava a oferenda de um dom a Deus, feita por determinado grupo, por intermédio de alguém que tinha o direito de representar esse grupo. O objetivo do sacrifício era prestar culto coletivo a Deus, reconhecendo sua autoridade, a fim de agradecer-lhe as suas graças, satisfazer pelos pecados e pedir-lhe mais graças. Deus não precisa dos dons humanos, mas são os seres humanos que necessitam da ajuda divina. Antes de Jesus ter se dado a nós como

¹¹ Cf. Cf. PEDRO, *Dicionário de termos*, 275-276.

¹² Cf. Cf. PEDRO, *Dicionário de termos*, 251.

¹³ PO 2.

¹⁴ PO 5.

¹⁵ PO 6.

oferenda perfeita no sacrifício da Divina Liturgia – Missa, o ser humano nada tinha a oferecer a Deus que fosse realmente digno d’Ele.

No Antigo Testamento, foi do agrado de Deus que o homem lhe manifestasse os seus sentimentos por meio de sacrifícios. De tudo o que Deus dava, na criação ou produção, como cordeiros, bois, frutas ou grãos, tomava-se o melhor e se entregava a Ele, queimando no altar.

O sacrifício era uma oração em ação: a oração de um grupo ou de uma família. Aqueles que ofereciam o sacrifício em nome do grupo – como ministros de Deus – eram os sacerdotes. No primeiro período da história bíblica – a era dos patriarcas – os sacerdotes eram os próprios chefes de família. Eram eles que ofereciam os sacrifícios a Deus por si e pela família. Adão foi o sacerdote da sua família, assim como Noé, Abraão e os demais patriarcas o foram das suas. Os primogênitos de cada geração dos descendentes de Aarão eram os sumo-sacerdotes e os demais levitas eram seus ajudantes.

No Novo Testamento, quando se estabeleceu a Nova Lei de Cristo, terminou a Lei Antiga e com ela o respectivo sacerdócio. A Nova Lei do amor tem agora um novo sacrifício e um novo sacerdócio.

Na Última Ceia, na noite da Páscoa, Jesus instituiu o santo sacrifício da Eucaristia, em que o dom oferecido a Deus não é mais uma simples oferenda de cordeiros, bois ou grãos. Pela primeira vez e para sempre é um dom realmente digno de Deus, porque é o dom do próprio Filho de Deus – Jesus Cristo: um dom de valor infinito, tanto como o próprio Deus é infinito.

Na Divina Liturgia, sob as aparências do pão e do vinho, Jesus renova incessantemente o oferecimento que, de uma vez para sempre, fez na cruz, imolando-se a si próprio. Na Missa, Ele dá a cada um de nós, seus membros batizados, a oportunidade de nos unirmos a Ele nesse oferecimento, oferenda, sacrifício.

Nos dias de hoje quem é o sacerdote desse novo sacrifício? Sabemos que Jesus, na Última Ceia, conferiu o sacerdócio aos seus Apóstolos, quando lhes mandou: *“Fazei isto em minha memória”* (Lc 22,19). Ao mandar fazer isso, lhes deu o poder de fazer o que Ele havia acabado de fazer: mudar o pão no seu corpo e o vinho no seu sangue.

Foi esse poder, o poder de oferecer sacrifícios em nome de Cristo e no do Corpo Místico, a Igreja, que tornou os Apóstolos sacerdotes. A esse poder, após a Ressurreição, Jesus acrescentou o poder de perdoar os pecados em seu nome, quando disse: *“Recebei o Espírito Santo! Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos”* (Jo 20,23). É o poder de salvar, santificar, divinizar.

Além desses poderes, Jesus conferiu aos Apóstolos o poder de evangelizar – anunciando o Evangelho – e o de reger, como pastores, o povo de Deus, a Igreja.

Por sua vez, os Apóstolos transmitiram esse poder a seus discípulos na cerimônia que hoje chamamos sacramento da Ordem, conferido no ritual da ordenação presbiteral. Esses discípulos foram ordenados diáconos pela imposição das mãos (At 6,5-6). Com o decorrer do tempo, os Apóstolos consagraram bispos para que prosseguissem a sua missão. Esses bispos foram ordenando outros bispos, presbíteros e diáconos e assim sucessivamente até nossos dias.

Desta forma, o sacerdote de hoje, na verdade, pelo sacramento da Ordem, recebe o seu poder sacerdotal, dado pelo próprio Cristo, numa cadeia ininterrupta que remonta até Ele.

3.4. Presbiterado – uma vida no Espírito

Um elemento de elevada grandeza, e que muitas vezes é deixado na sombra, é a ação do Espírito Santo, que sempre age quase que ocultamente, humildemente, e age sobremaneira na vida do presbítero. Três pontos elucidam a seguir essa vigorosa verdade: origem; Espírito santificador da Igreja; Espírito santificador do presbítero.

3.4.1. Origem

A Festa de Pentecostes – *he pentekoste*, o 50º dia –, no Antigo Testamento, foi uma das três grandes festas agrícolas celebradas pelo povo hebreu (Ex 23,14-19). É a festa da Messe, chamada de

feita das Semanas em Ex 34,22, que era celebrada sete semanas (Dt 16,9) ou cinquenta dias (Lv 23,16) depois da Páscoa judaica, donde o seu nome grego de Pentecostes (Tb 2,1). Marcava também o fim da colheita do trigo. Mais tarde, relacionou-se com ela a lembrança da promulgação da Lei no Sinai.

No Novo Testamento, a Festa de Pentecostes recebe sua importância na fé e na liturgia cristãs do evento relatado em At 2, a descida do Espírito sobre os discípulos, o dom das línguas, o discurso de Pedro e a formação da primeira Igreja cristã, em Jerusalém.

Para a Igreja dos primeiros séculos, a Festa de Pentecostes era tão importante, que era colocada no mesmo nível das festas do Natal e da Páscoa.

Liturgicamente, a Festa de Pentecostes é o coroamento da festa da Páscoa, o que lhe confere um significado muito profundo, sendo uma das festas mais importantes do Ano Litúrgico: o envio do Espírito Santo é o coroamento e a continuação da obra salvífica do Filho de Deus – Jesus Cristo.

3.4.2. Espírito santificador da Igreja

A salvação é obra de Deus, é obra da Santíssima Trindade: é obra de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Onde acontece o desígnio salvador de Deus, sem dúvida, o Espírito Santo está presente e está sempre agindo. O ministério ordenado, no qual estão os bispos, os sacerdotes e os diáconos, é fundamentalmente uma missão a serviço da salvação. E o Espírito Santo é autor, é protagonista e agente da salvação.

No Antigo Testamento, o Espírito Santo já atuava de maneira especial na eleição e na direção dos mediadores entre Deus e o povo, como os reis e os profetas, mais até do que os sacerdotes.

No Novo Testamento, essa intervenção do Espírito Santo alcançou sua culminação, animando com seu poder o testemunho profético e a obra sacerdotal de Jesus. Sabemos que a própria vinda de Jesus ao mundo é obra do Espírito Santo. Nem a pessoa, nem o sacerdócio, nem a missão e nem o ministério de Cristo podem ser separados do Espírito Santo.

No dia de Pentecostes, o Espírito ungiu os Apóstolos e os capacitou definitivamente para serem mensageiros do Evangelho, o qual é a Boa Nova, a Boa Notícia. Mediante a efusão do Espírito, a Igreja recebeu poderes para dirigir-se a todas as nações e ser compreendida por elas. Nesse dia, nasceu a Igreja e ela começou sua missão. Pode-se dizer que a Festa de Pentecostes é “aniversário” da Igreja, porque foi no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos receberam, intensa e profundamente, o sopro do Espírito Santo, é que a Igreja começou sua missão, continuando a missão salvadora de Jesus Cristo. Dessa forma, entendemos que o tempo da Igreja, a própria existência e missão da Igreja é impensável e impraticável sem a ação e sem o acompanhamento do Espírito Santo.

O Espírito Santo é o princípio estruturante, é o “motor” principal do organismo eclesial. Ele é quem dá vida à Igreja. É dele que procedem todos os carismas e dons que enriquecem a Igreja e, em particular, as ordens, os diversos ministérios, o sacerdócio. São Basílio Magno, reformador do monarquismo e pai espiritual, nos ensina com muita clareza: “*A organização interna da Igreja é obra do Espírito Santo*”.¹⁶ E São João Crisóstomo diz: “*O próprio Paráclito foi quem estabeleceu esta sequência de ordens*”.¹⁷

O Espírito Santo age em todos os sacramentos da Igreja e, especialmente, no sacramento da ordem. Mesmo quando o clero, o povo e a família tomam parte na eleição e preparação dos candidatos, é o Espírito quem, na verdade, escolhe, chama e também prepara para os diversos ministérios. “*É, pois, dom do Espírito Santo o ministério do sacerdote*”, diz Santo Ambrósio.¹⁸ Em At 13,4 fala-se da missão de Barnabé e Paulo: “*Enviados, pois, pelo Espírito Santo, eles desceram até Selêucia, de onde navegaram para Chipre*”.

O Espírito Santo conduz a Igreja, ilumina-a e a orienta no caminho da verdade e do bem. Ele santifica a Igreja com seus dons. Conforme o Concílio: “*Consumada, pois, a obra que o Pai confiara ao Filho realizar na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes a fim de*

¹⁶ SÃO BASÍLIO MAGNO. *De Spiritu Sancto* 16: PG 32, 141A.

¹⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *De sacerdot. III, 4*: SourcCh 272, 142.

¹⁸ SANTO AMBRÓSIO. *Paenit. I, 8*: CSEL 73,123, 45-46.

santificar perenemente a Igreja... O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19)... Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com Seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22)".¹⁹

3.4.3. Espírito santificador do presbítero

O Espírito Santo é o grande liturgo-liturgista das ordenações, porque é ele que, visivelmente, na pessoa do bispo, ordena o candidato pela imposição das mãos. O bispo é o ministro e mediador, algo parecido com o canal que nos traz água tirada da fonte. O Espírito é doador e é dom ao mesmo tempo. O rito da ordenação, desde as origens apostólicas, é uma *epiclese* em sentido estrito: *invocação* do Espírito Santo associada ao gesto da imposição das mãos do bispo. As orações de ordenação das diferentes tradições litúrgicas coincidem em pedir para o ordenando o Espírito Santo. Na ordenação presbiteral, por exemplo, bispo ordenante impõe suas mãos sobre o diácono, entoando solenemente a fórmula: “A graça divina que sempre purifica as imperfeições do homem e preenche as suas carências, consagra o digno e piedoso N... presbítero, oremos por ele, para que a abundância do Espírito Santo Divino desça sobre ele”. Em outra oração pronuncia-se: “Vós, ó Senhor que vos dignastes elevar o diácono N... para o grau do presbiterado, concedei a plenitude dos dons do Espírito Santo para que conserve digno e impecável junto ao santo altar vosso”.

Uma “stiquira” da liturgia das vésperas da Festa de Pentecostes diz que “*tudo concede o Espírito Santo: envia os profetas, aperfeiçoa os sacerdotes, ensina a sabedoria aos iletrados, dos pescadores faz teólogos...*”

Todos os cristãos tiveram o seu Pentecostes no Batismo, na Crisma e também em outros sacramentos. Em cada ordenação se atualiza o mistério de Pentecostes: dela sai o ordenado, assim como saíram apóstolos. Uma celebração de ordenação diaconal, presbiteral ou episcopal é um verdadeiro pentecostes que acontece para o ordenando e também para a sua comunidade eclesial pelo sacramento da Ordem. A ordenação é, pois, um novo Pentecostes, uma nova efusão do Espírito. Do Pentecostes em Jerusalém saíram os apóstolos para todos os lugares a pregar o Cristo crucificado e ressuscitado. Do Pentecostes de determinada ordenação presbiteral, o diácono sai como um novo apóstolo, sacerdote de Cristo.

O Espírito Santo santifica o sacerdote e o envia para a missão, constituída de um tríplice ministério: evangelização, santificação e governo da comunidade eclesial. Segundo o Papa João Paulo II, na Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, o sacerdote exercerá essa missão de pregador e evangelizador com tanto maior eficácia o quanto ele próprio “*desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus*”. Ele tanto mais santificará o povo de Deus o quanto ele mesmo se santificar: na celebração da Liturgia das Horas e dos Sacramentos, sobretudo pela Eucaristia. E no governo, “*o sacerdote é chamado a reviver a autoridade e o serviço de Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja, animando e guiando a comunidade eclesial, ou seja, ‘reunindo a família de Deus como fraternidade animada na unidade’, conduzindo-a ao Pai ‘por meio de Cristo no Espírito Santo’ (Decreto Presbyterorum ordinis sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, 6)*”.²⁰

O Espírito Santo é, portanto, o animador e o impulsionador da espiritualidade e da vida sacerdotal e cristã em geral. Observe-se um barco movido a remos: ele avança através das águas lentamente e com grande esforço do remador. Se nesse barco, porém, colocarmos velas, que possam captar o sopro do vento, e as deixarmos abertas, ele navegará muito mais rapidamente e sem muito cansaço para o remador. Assim, na vida do sacerdote, e também de cada cristão, há progresso espiritual, lento e penoso, se procurar, com a graça de Deus, pôr em prática as virtudes teológicas (fé, esperança e amor) e morais (prudência, justiça, fortaleza e temperança). É possível, porém, progredir muito mais rápida e facilmente, se abrir as “velas” para o sopro do Espírito. Aliás, as palavras bíblicas originais *ruah*, em hebreu, e *pneuma*, em grego, significam exatamente sopro, vento.

¹⁹ LG 4.

²⁰ JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (29 de março de 1992) n. 26.

Neste novo pentecostes, o pentecostes do sacramento da Ordem do ordenando, o Espírito infunde nele os seus dons: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus, fazendo dele um sacerdote de Cristo, configurado a Cristo, e o envia para levar o Evangelho, a Palavra da salvação a todos. O diácono ordenando por meio do sacramento da Ordem, recebe a efusão do Espírito: a fonte da missão e do ministério em sua tríplice função: 1) a função de ensinar pela catequese, pela pregação; 2) a função de santificar pela oração, celebração, administração dos sacramentos; 3) a função de apascentar o povo de Deus por meio de um sábio governo, segundo os princípios do Evangelho e da Igreja. É o ministério que ele vai exercer como novo ministro de Cristo e da Igreja, tendo, pela ordenação presbiteral, uma relação mais profunda com o Espírito Santo, pois de agora em diante ele se torna seu colaborador (*synergós*), em profunda sinergia e sintonia com ele, para realizar a obra de salvação de Jesus Cristo.

3.5. Semelhança entre o presbítero e Maria Santíssima

Existe uma analogia de missão entre Maria e o presbítero. Por fazer parte da história da salvação e exercer uma “*função de salvação*”, com “*a sua múltipla intercessão*” e a “*caridade materna com que cuida dos irmãos do seu Filho*” Jesus²¹, Maria, em relação ao sacerdócio, ilumina o “*ser sacerdote*” e o seu “*agir como sacerdote*”. De acordo com João Paulo II, Maria é “*de modo particular a nossa mãe: a mãe dos sacerdotes*”.²²

Como explicou o Papa Paulo VI, Maria e o sacerdote são ambos “*instrumentos de comunicação salvífica entre Deus e os homens*”, ainda que de modos diferentes: a primeira mediante a encarnação, o segundo mediante os poderes da Ordem. Se “*não podemos atribuir a Maria as prerrogativas próprias do sacerdócio (ministerial)*”, aquela que está no ápice da economia da salvação “*precede e supera o sacerdócio*”.²³

Pela harmonia que existe entre Maria e o sacerdócio, a referência à Virgem se torna uma “*forma*” de vida: ela ensina a descobrir o mistério para depois conferi-lo, compartilhá-lo, ensina a viver como ela na esfera da fé, a perceber “*o valor positivo tríplice e superior*” do celibato (*domínio de si, disponibilidade total ao mistério, amor inextinguível a Cristo Senhor*), a ser com Cristo vítima totalmente consagrada à salvação dos homens”.²⁴

Todos os sacerdotes que a Igreja canonizou tiveram uma devoção muito especial para com a Mãe de Deus, como por exemplo: Afonso de Ligório, João Maria Vianney, João Bosco, Inácio de Loyola, Luís de Montfort. Eles tornaram-se santos, cultivando essa devoção mediante a fé, que é, antes de tudo, ação da graça; mais do que do esforço do conhecimento, é experiência, é espiritualidade e, especialmente, espiritualidade mariana.²⁵

4. EPISCOPADO

Contempla-se aqui a figura e a missão do bispo segundo a Carta apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003), dirigida antes de tudo aos bispos, por ocasião do Jubileu de Prata de seu Pontificado.

²¹ LG 62.

²² JOÃO PAULO II. *Carta a todos os sacerdotes da Igreja por ocasião da quinta-feira santa de 1979*. In: FRANZI, F. – ESQUERDA BIFET, J. *Sacerdotes*. In: DE FIORES, Stefano – MEO, Salvatore (Dirigentes). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995, 1179.

²³ PAULO VI. *Audiência geral de 7.10.1964*, in *Dicionário de Mariologia*, 1181-1182.

²⁴ PAULO VI. *Aos sacerdotes de Roma, 20.2.1971*, in *Dicionário de Mariologia*, 1182.

²⁵ Cf. *Dicionário de Mariologia*, 1182-1183.

4.1. Figura do bispo

A figura do bispo, segundo o documento pontifício, é apresentada como pastor e servidor do Evangelho.²⁶

4.1.1 Pastor

A figura iconográfica do Evangelho, que representa autenticamente o serviço do bispo na Igreja, é a figura do Bom Pastor: aquele que vai em busca da ovelha perdida; e, quando a encontra, com muito esmero e alegria, toma-a nos seus ombros e a traz de volta ao rebanho reunido no aprisco. É a configuração do bispo a Cristo, porque ele mesmo se colocou diante dos seus Apóstolos como o Bom Pastor (Jo 10,1-21).

4.1.2. Servidor do Evangelho

O bispo é um *servidor do Evangelho para a esperança do mundo*. Diante de um mundo materialista e economicista, diante das situações de guerra, violência e de todo o tipo de explorações, o bispo é profeta, testemunha, servo e mensageiro da esperança²⁷, na fé e no amor. Aliás, sua vida e todo seu ministério pastoral são enquadrados numa perspectiva teologal, ou seja, é modelada pelas três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade.

4.2. Pastoral episcopal

Destacam-se três aspectos da missão episcopal: o tríplice ministério, os desafios do mundo contemporâneo e a missão específica na Igreja oriental.

4.2.1. Tríplice ministério

Segundo o referido documento pontifício e outros, o bispo exerce principalmente um tríplice ministério pastoral: 1) ministério evangelizador e profético do *magistério* – pregação e ensinamento da Verdade, que é Cristo; 2) ministério sacerdotal da *santificação* por meio do culto – Liturgia, Sacramentos – e da oração; 3) ministério do *governo*, como pai e pastor, a exemplo do Bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir e dar sua vida pelas ovelhas (Mt 20,28; Mc 10,45, Lc 22,26-27; Jo 10,11, 13,15).²⁸

4.2.2. Desafios do mundo contemporâneo

Com elevada solicitude, Sua Santidade coloca no coração dos bispos os diversos e graves desafios da atualidade, diante dos quais é necessário: 1) ser obreiro de justiça e de paz;²⁹ 2) cultivar o diálogo inter-religioso a bem, sobretudo, da paz no mundo;³⁰ 3) globalizar a caridade evangélica na vida civil, social e econômica,³¹ promover o “Evangelho da vida”, a “cultura da vida” na sociedade contemporânea, de um lado marcada pelo enorme progresso científico no campo da Medicina, mas, por outro, também abalada pela violência e abandono humano, que destrói a vida;³² 4) atender aos

²⁶ Cf. *Pastores gregis*, nn. 1-5.

²⁷ *Pastores gregis*, n. 4.

²⁸ *Pastores gregis*, n. 42.

²⁹ *Pastores gregis*, n. 67.

³⁰ *Pastores gregis*, n. 68.

³¹ *Pastores gregis*, n. 69.

³² *Pastores gregis*, n. 71.

migrantes nas suas necessidades humanas e espirituais;³³ 5) formar uma nova consciência ética diante do problema ambiental e ecológico.³⁴

4.2.3 Missão específica na Igreja oriental

Ainda segundo o mesmo documento,³⁵ o bispo de uma Igreja católica oriental possui uma missão bem específica: “*promover a unidade dos cristãos... através da oração e da vida cristã exemplar*”; responder ao chamado da “*fidelidade às antigas tradições orientais*”, “*que constituem um tesouro vivo*”; e, com essa resposta, contribuir para a santificação, ou, na linguagem cristã oriental, *divinização* ou *deificação* dos fiéis na própria Eparquia, agora Metrópolia, e também oferecer algo àqueles cristãos de outras tradições que buscam o enriquecimento teológico e espiritual nas fontes do cristianismo oriental.

De acordo com o pensamento de João Paulo II, “*ut unum sint – todos sejam um*” (Jo 17,21), que é o meu lema episcopal, “*constitui, para cada bispo, um veemente apelo para um dever apostólico concreto*”, porque, de certa forma, resume todo o seu ministério, que depende, mais do que de seus esforços pessoais, do dom da Santíssima Trindade, – o protótipo da verdadeira unidade –, e da necessidade de ser realizado no diálogo cristão, ou seja, na verdade e na caridade, que faz crescer “*em direção àquele que é a Cabeça, Cristo*” (Ef 4,15).³⁶

Nestas diretrizes fundamentais, o episcopado é um ministério, uma missão, uma tarefa, uma caminhada, uma espiritualidade, não individual, particular, mas *comunitária, eclesial*, universal: a construção do Reino de Cristo por meio de sua Igreja, sempre buscando a paz e a unidade, utilizando os meios da oração e da evangelização – “*a fim de que todos sejam um*” (Jo 17,21).

³³ Pastores gregis, n. 72.

³⁴ Pastores gregis, n.70.

³⁵ Pastores gregis, n. 60.

³⁶ Cf. Pastores gregis, n. 64.